

Villaschi alerta prefeitos e pede planos realistas

Ao falar ontem aos participantes do I Seminário de Prefeitos Eleitos, o diretor técnico da Fundação Jones dos Santos Neves, Arlindo Villaschi, alertou os prefeitos sobre os "danos" bem apresentados, com linguagem sofisticada, dizendo que eles devem ser substituídos pelo "processo de planejamento", que contemple a realidade, as tradições locais, capazes de se tornarem dinâmicos, com revisões e melhoramentos.

O orador considerou que "o planejamento não é a revelação que transformará magicamente nossas mazelas urbanas em paraíso terrestre. "Ele não deve passar de um processo voltado para o melhor atendimento de necessidades e anseios da população, através do uso adequado de recursos escassos", considera.

Falando sobre as determinantes urbanas no desenvolvimento municipal, Villaschi começou descrevendo o estágio em que se encontram as cidades capixabas. "Enquanto para umas o crescimento vertical torna-se pernicioso, para outras é o símbolo da vitalidade e do progresso".

Depois, discorreu sobre o crescimento das cidades, ressaltando as razões para planejar e integrar. Entre elas, destacou a demanda de serviços públicos gerada pelo crescimento populacional, como escolas, saúde, segurança e lazer, entre outros.

— Diante desse quadro e da escassez de recursos, já que não é possível atender a todas às necessidades, há que se identificar prioridades e estabelecer articulação com o Estado e a União, no caso dos Municípios — disse Villaschi, aconselhando que "o planejamento deve ser encarado como instrumento para transformar o crescimento urbano em fator de desenvolvimento urbano".

Para ele, quem comanda o planejamento é quem "entende" a cidade, o habitante. Mas há a necessidade de se sistematizar e ordenar as idéias, estabelecendo as necessidades e prioridades. Por isso, surge a necessidade de se criar uma equipe local. Nesse ponto, ele ressaltou a diferença entre um "plano" bem apresentado, com linguagem sofisticada, e o que chama de "processo de planejamento", dizendo que este "contempla a realidade, as tradições, as ambições locais, e deve ser tornado um instrumento dinâmico, com revisões e melhoramentos.

Disse que todos devem fazer planos: uns mais complicados, outros mais simples. Mas sempre consultando a realidade.

Sobre o que considera "o ser e o não ser do planejamento", em termos de futuro, assinalou que "o máximo que pode ser feito é uma tentativa — consciente quanto às possíveis falhas — de antecipar-se aos problemas do futuro, procurando sempre evitar os erros do presente. "Planejamento não é futurologia", afirmou.

— O planejamento — prosseguiu Villaschi — não é também a revelação que transformará magicamente nossas mazelas urbanas em paraíso terrestre. Não deve passar de um processo voltado para o melhor atendimento de necessidades e anseios da população, através do uso adequado de recursos escassos.

Para ele, o planejamento "deve ser encarado como o somatório de ações que visem, por exemplo, ao aumento da produtividade, à diminuição de tensões sociais, de tal forma a compatibilizar o crescimento econômico com o objetivo maior, que é a elevação dos níveis da qualidade de vida".

Discorreu ainda sobre a preocupação federal quanto ao planejamento urbano, dentro da política do Plano Nacional de Desenvolvimento das diretrizes da Comissão Nacional das Regiões Metropolitanas e Planejamento Urbano (CNPU).

Sobre o que se faz no Espírito Santo, em termos de planejamento urbano, disse que a escassez de recursos determina a identificação de prioridades. Explicou o fenômeno da Grande Vitória, dos "pólos tradicionais" e dos "pólos emergentes". Entre estes apontou Anchieta, Guarapari, Linhares, São Mateus e Aracruz.

Villaschi colocou a Fundação Jones dos Santos Neves como uma "central de apoio", que lida com informações, idéias e está à disposição para atender a todos os municípios que quiserem sua colaboração, num trabalho conjunto.

— Acreditamos que o planejador pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Não criando mecanismos efetivos para frear ou controlar, e sim propondo instrumentos para conhecer, estimular e induzir constantemente os cidadãos e as organizações a transformarem suas vidas e sua ação.